

---

## **O HISTÓRICO DAS RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS: DO CALUNDU À UMBANDA**

Paula Maria Fernandes da Silva

Mestranda em Ciências das Religiões-PPGCR/UFPB

[fernandes.paula.m@gmail.com](mailto:fernandes.paula.m@gmail.com)

José Antonio Novaes da Silva (Orientador)

Professor Doutor da UFPB

[baruty@gmail.com](mailto:baruty@gmail.com)

Este artigo objetiva traçar um histórico das religiões afrobrasileiras, uma vez que estas apresentam um longo histórico de perseguições e intolerância. Trazidos pela diáspora africana para as terras do Novo Mundo os africanos de diversas nações fincaram raízes em solo brasileiro passando a contribuir na construção da identidade cultural nacional. No processo da construção dessas novas identidades temos a história da religiosidade afrobrasileira, na qual podemos identificar novas formas de separação entre o sagrado e o profano, como também a resistência desse povo e suas formas de tentar quebrar as barreiras sociais.

Do encontro das diversas etnias aconteceu a reformulação/interpenetração de crenças e práticas, que contribuíram na formação de novas práticas religiosas as quais atuaram tanto no sentido de suprir um suporte espiritual quanto de memória de uma origem diaspórica.

Temos nesse contexto não só a vinda dos escravizados, mas também do universo cultural desses, com a chegada dos africanos temos seus assentamentos e sua reorganização dos orixás em solo brasileiro, enfim uma nova organização do universo cultural africano, aqui no Brasil. Suas religiosidades ficaram registradas em nossa história, o primeiro registro das manifestações religiosas dos negros africanos no Brasil data do século XVII, essa manifestação religiosa africana a qual chamamos de Calundu.

Segundo Verger (1981) os primeiros registros sobre as religiões africanas, no Brasil, datam de 1680, a partir de anotações feitas pela Santa Inquisição. O resgate histórico das religiões afro-brasileiras vem nos revelando como afirma Silveira (2005) ‘muito de nossas crenças e de

nossos preconceitos?. Por outro lado, apresenta -se como um elemento relevante para a análise dessa miscelânea de raças, etnias e grupos sociais que forma essa grande e complexa cabaça que chamamos de cultura brasileira. (apud. Santos 2008, p.2)

O primeiro registro encontrado é uma citação na poesia de Gregório de Matos no século XVII, já a primeira descrição literária é feita por Nono Marques Pereira no século XVIII, onde temos em sua descrição a presença de atabaques, pandeiros, canzás, entre outros elementos presentes no ritual do Calundu. O calundu era um culto doméstico, mas fraqueado ao público, realizado na casa de uma pessoa importante desta comunidade ou em espaço aberto.

O Brasil dos séculos XVII e XVIII, tem no calundu a representatividade da prática de curandeirismo, entre os africanos escravizados vindos para o país nesse período eram sobretudo das nações Congo e Angola. Entre os povos Bantos o idioma comum, era o Quimbundo. O termo Calundu era associado á palavra "quilundo", que designa a possessão de uma pessoa por um espírito. Os praticantes deste rito eram conhecidas como curandeiras, ou calunduzeiras. Eles cultuavam as energias da Natureza que são denominadas. Os seus sacerdotes possuíam grande influência sobre a comunidade, pois eram consideradas grandes líderes religiosas.

Os Inquices eram em sua origem associados a ancestrais de grande renome entre essa população, cuja memória permanece cultuada. Através de mitos e lendas é que ocorria esta associação, esses ancestrais foram pessoas que viveram neste plano, e também se explicava através desses mitos e lendas como eles adquiriram grande poder em vida e tiveram mortes extraordinárias, que emitiram muita energia, e assim podendo se identificar espiritualmente com algum elemento da Natureza, em vez de seguir espiritualmente como os mortos comuns.

Os rituais de Calundu são caracterizados pela intonação de cânticos e uso de instrumentos de percussão, como atabaques, que são parte do rito para que o Inquice possa se manifestar no corpo do calunduzeiro ou calunduzeira. Esta manifestação se dava através da dança cerimonial, com movimentos que se remetem a elementos da natureza. As realizações de ações mágicas eram por meio de oferendas, banhos com ervas, talismãs e amuletos, feitos para elo entre os praticantes e as entidades.

Os calunduzeiros, como eram chamados os sacerdotes, podiam ser de três tipos , podendo ser encontrados reunidos em uma mesma pessoa, são eles: “calunduzeiro,

curandeiro e adivinhadeiro”. Esses sacerdotes, dentro de um contexto em que os serviços essenciais que o Estado colonial eram oferecidos de forma insatisfatória, apresentavam-se como personagens importantes no cotidiano colonial, eram capazes de curar males graves como varíola, lepra e tuberculose.

Eles detinham o conhecimento de várias técnicas medicinais. Onde podemos observar que esses conhecimentos eram na realidade um hibridismo, entre os costumes africanos, os portugueses e os dos nativos, que consistiam em uso de ervas, frutos e produtos naturais fáceis de encontrar. Com isso os curandeiros atendiam a doentes de todas as camadas sociais, mas sobretudo os escravos que possuíam poucos recursos.

Desse lado do Atlântico, os calundus de diversas origens africanas, como a banta (das regiões ao Sul da África, como Angola, Congo, Moçambique) e jeje (da África Ocidental, atual República de Benin), por exemplo, acabaram aderindo ao Catolicismo. Já o sincretismo com os cultos ameríndios deu-se apenas com os bantos. Alguns, como o de Luzia Pinta, misturaram tradições africanas, católicas e indígenas no mesmo ritual, dando origem ao que se convencionou chamar umbanda. (SILVEIRA, 2005)

Para Silveira (2005) podemos encontrar os elementos dos Calundus no que chamamos de Umbanda. Silveira ainda nos afirma que os Calundus apoiaram a formação do Candomblé, a organização deste culto se deu no espaço urbano, legitimando e oficializando este culto.

No século XVIII o Brasil tinha um grande representação de povos Nagôs, que falavam Iorubá e os povos Jejes, eles em sua maioria cultuavam os Orixás. Foi sob as tradições dos nagôs que se organizou o primeiro terreiro de Candomblé na cidade de Salvador, o Ilê Axé Iyá Nassô Oká, conhecido pela população como Casa Branca.

Segundo as tradições orais dos nagôs (africanos iorubas, originários de regiões da Nigéria, Benin e Togo) baianos, o primeiro candomblé de sua linhagem foi fundado em terras situadas atrás da capela de Nossa Senhora da Barroquinha, no centro histórico de Salvador. Segundo se conta, existia uma irmandade de negros ali funcionando, cujos associados teriam sido os fundadores africanos. Hoje, esse candomblé é um dos maiores e mais respeitados do Brasil, chama-se oficialmente Ilê Axé Iyá Nassô Oká, em homenagem à sua fundadora principal, mas é popularmente conhecido como Casa Branca do Engenho Velho da Federação. Não há nas tradições orais referências à data de fundação do candomblé da Barroquinha. Mas se tem conhecimento de três momentos importantes do local: a fundação inicial de um pequeno culto na casa de uma sacerdotisa filiada à irmandade e residente em uma das ruas do bairro; o

arrendamento de um terreno situado atrás da igreja, onde foi fundado o candomblé propriamente dito; e um momento de perseguição policial, invasão do templo e expulsão do bairro. (SILVEIRA, 2005)

Na história da estruturação da primeira casa de Candomblé, não é possível ter uma data precisa, se estima que a data seja no período entre o final do século XVIII e 1830, alguns antropólogos acredita que a fundação do Ilê Axé Iyá Nassô Oká tenha sido em 1789. Em 1789 temos a chegada dos primeiros escravizados africanos vindos do reino do Ketu, sendo também desta mesma região os fundadores da casa. O Candomblé surgiu, com a fundação desta casa, como culto aos Orixás, preservando assim a memória do povo africano.

Segundo Ortiz (1991, p.16-17) o Candomblé é a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro, seria então produto resultante da “bricolage” desta memória coletiva, sobre a matéria nacional brasileira que a história ofereceu aos negros escravizados, tendo na África a fonte do sagrado; já a Umbanda seria a integração das práticas afro-brasileiras, formando uma consciência de brasilidade, se opondo às religiões de importação como protestantismo, catolicismo e kardecismo. Já o Prandi nos trás o Candomblé com religião brasileira que se organizou na Bahia no século XIX

Prandi nos defini Candomblé como : religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX – e demais modalidades religiosas conhecidas pelas denominações regionais de xangô, em Pernambuco, tambor-de-mina, no Maranhão, e batuque, no Rio Grande do Sul, formavam, até meados do século XX, uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afro-descendentes, resistência à escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e os mestiços mesmo após a abolição da escravatura. Eram religiões de preservação do patrimônio étnico dos descendentes dos antigos escravos. (PRANDI, 2004, p.223)

No período entre final do século XIX e o início do século XX, temos a abolição da escravatura, em 1888 sob o decreto da Lei Áurea, a proclamação da República, em 1889 e o início do processo de relativa integração dos negros a uma sociedade urbana. É

em meio a esse contexto de transformações que nasci a Umbanda, na Cidade do Rio de Janeiro.

Na história das manifestações religiosas no Brasil, podemos observar registros de elementos encontrados atualmente no universo umbandista, como a presença no século XVIII de espíritos de negros e de índios sendo incorporados nos rituais chamados de macumba, como nos remete Oliveira:

A manifestação de espíritos de negros e de índios, tão comuns na Umbanda, já ocorria espontaneamente nos rituais da macumba desde meados do século XVIII. Longe de ser um culto organizado, a macumba era um agregado de elementos da cabula bantu, do Candomblé jeje-nagô, das tradições indígenas e do Catolicismo popular, sem o suporte de uma doutrina capaz de integrar os diversos pedaços que lhe davam forma. É desse conjunto heterogêneo, acrescida de elementos egressos do Kardecismo<sup>2</sup>, que nascerá a nova religião. (OLIVEIRA, 2007, p.177)

Segundo Oliveira (2007, p.177) a palavra Umbanda se definia entre os africanos como sacerdote que trabalha para a cura. O marco de fundação da primeira casa de Umbanda foi em 15 de novembro de 1908, quando o caboclo Sete Encruzilhada se manifesta através do médium Zélio de Moraes, e anuncia a nova religião.

O vocábulo “umbanda” vai ganhar *status* de religião quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestado no médium Zélio de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, “anuncia”<sup>4</sup> o início de uma nova prática religiosa. Este evento representa, hoje, para o Movimento Umbandista<sup>5</sup> o marco fundador da religião, um divisor de águas entre a macumba – que era compreendida na época como “baixo-espiritismo” cuja prática nem sempre estava direcionada para fins elevados – e o “Espiritismo de Umbanda”, voltado para a prática do amor ao próximo. (OLIVEIRA, 2007, p.177-178)

Antes de ser anunciada a Umbanda pelo caboclo Sete Encruzilhada, o médium Zélio de Moraes, encontrava-se descontente com o espiritismo kardecista, pois para eles os espíritos de negros e índios eram tidos com de baixa evolução, então não permitido a tais espíritos que se manifestassem em mesas kardecistas. Assim o médium Zélio de Moraes é instruído pelo caboclo Sete Encruzilhada a organizar a nova prática religiosa, a umbanda. Esta incorpora em seu ritual elementos dos cultos africanos, elementos dos nativos, elementos do catolicismo, e elementos da doutrina kardecista.

A *anunciação* da umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas teria ocorrido em dois tempos: no dia 15 de novembro de 1908 houve a primeira manifestação do caboclo mencionado numa mesa espírita à qual o jovem Zélio de Moraes (na época com 17 anos) havia sido levado devido a um problema de saúde que os médicos não conseguiam curar (alguns falam em paralisia, outros numa série de crises semelhantes à epilepsia). Não há consenso sobre se Zélio já chegou curado à reunião espírita ou se sua cura se processou durante os acontecimentos daquela noite. Nessa reunião começaram a se manifestar diversos espíritos de negros escravos e indígenas nos médiuns presentes, e esses espíritos eram convidados a se retirar pelo dirigente da mesa que os julgava (como era e continua sendo comum entre os kardecistas) atrasados espiritual, cultural e moralmente. Foi então que *baixou* pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas, proferindo um discurso de defesa das entidades que ali estavam presentes, já que estavam sendo discriminadas pela diferença de cor e classe social (GIUMBELLI, 2002).

Na Umbanda, os espíritos de negros, de nativos ou de qualquer outra ordem ganharam espaço para se manifestarem, sendo assim cultuados e valorizados por seus praticantes. O culto se estrutura, assim como a religião, com praticas muito próximas à elementos do espiritismo, como podemos verificar que o culto é mais silencioso, simplificado, as casas em sua maioria recebem em seus nomes as denominações de Tenda Espírita de Umbanda..., esse é um dos elementos do espiritismo presentes na Umbanda.

Segundo Giumbelli (2002), dez anos depois da fundação dessa primeira casa, portanto em 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que seguia trabalhando com o médium Zélio de Moraes, teria determinado a fundação de sete novos templos que seriam os responsáveis pela difusão ampla da nova religião, todos com o prefixo *Tenda Espírita*: São Pedro; Nossa Senhora da Guia; Nossa Senhora da Conceição; São Jerônimo; São Jorge; Santa Bárbara; e Oxalá. (apud. ROHDE, 2009, P.4)

Segundo Rochde tendo a primeira casa fundada por Zélio Moraes 1908, após a anunciação do caboclo Sete Encruzilhada, só teremos a fundação de novas casas dez anos depois, em 1918, onde a mesma entidade determina a fundação de sete casas. Essas casas tinham o prefixo de Tenda Espírita.

Para Assunção (2006, p. 103) a Umbanda é um culto de possessão onde a relação do ser humano com o sagrado se por através do transe. Nesse universo temos uma centralização nos espíritos de caboclos, pretos- velhos, crianças e exus, que seguem são classificados entre “bem e mal”, o que divide seu universo religioso em umbanda e quimbanda. Ainda afirma este autor que: “À umbanda corresponde a difusão dos aspectos morais e valores dominantes da sociedade, enquanto que à quimbanda são

---

associados os valores 'marginais' e considerados desviantes.”

A Umbanda ganha repercussão a partir de 1920, quando vemos menções sobre Zélio de Moraes e sua importância na organização desta religião, aparecendo assim como personagem central em jornais e livros do cenário acadêmico. Para alguns autores é na década de 1920 que de fato teria surgido a Umbanda no cenário religioso do Rio de Janeiro.

Segundo Borges (2006) a Umbanda é a primeira religião genuinamente brasileira, por ter sua formação no Brasil. Surgiu na década de 1920 no Rio de Janeiro, e na atualidade a encontramos em todo o Brasil. Em sua formação podemos observar uma rica diversidade cultural. Apresenta-se com “características próprias, suas canções, danças, oferendas, trabalhos, representando um papel importante na vida religiosa das pessoas que a praticam. É uma religião essencialmente urbana desde o seu surgimento associado aos fenômenos de industrialização e urbanização, até os dias de hoje”.

Na história da Paraíba vamos ter os registros de religiões como o Calundu, o Catimbó, a Jurema, a Umbanda e o Candomblé, sendo as mais visíveis as três últimas. A Umbanda tem uma forte presença na Paraíba, principalmente na segunda metade do século XX, há uma aproximação entre esta expressão religiosa e o Catimbó, surgindo a Umbanda cruzada com a Jurema. Nesse mesmo período temos a sanção da Lei de Nº 3.443, que assegurou aos cultos da umbanda e africanos no Estado da Paraíba seu livre exercício, esta lei foi assinada pelo governador João Agripino.

A partir de 1980 com o fortalecimento das práticas religiosas do Candomblé na Paraíba, visto como a idéia de “pureza” e elevação, alguns juremeiros fazem sua iniciação ou renovação nele, sem deixar de lado suas práticas e crenças da Jurema. Sua origem se dá na sociedade nativa localizada na região de Alhandra/Pb, tendo como entidades cultuadas: os Mestres, os Caboclos, os Índios, os Preto-velhos, os Exus e as Pombas-gira; seus toques são compostos por giras com danças e coreografias específicas das entidades, as giras são abertas com Deus e Nossa Senhora e se fecham com eles. (SANTIAGO; PEIXOTO, 2007)

Essas religiões vem ao longo da história do Brasil sofrendo com a intolerância religiosa aqui existente. Na atualidade verificamos que as religiões afrobrasileiras são perseguidas, principalmente pelos neopentecostais, como afirma Oro:

Entre as várias modificações ocorridas nos últimos anos no campo religioso brasileiro figura uma demonstração explícita de intolerância religiosa que alguns autores chamam de "conflito religioso" (M. C. Soares, 1990), "guerra religiosa" (L. E. Soares, 1993) ou "guerra espiritual" (Corten, 1996), deflagrada pelas igrejas "neopentecostais" contra as religiões afro-brasileiras. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), como veremos, está à frente deste processo pois "fez do combate à possessão (de entidades afro-brasileiras) o centro de sua atividade ritual e o instrumento maior de conquista de novos adeptos" (Birman, 1986: 93). (ORO, 1997, p. 01-02)

Todavia, apesar da resistência o Candomblé, assim como outros cultos da cultura afrobrasileira ainda almejam serem respeitados e aceitos pela sociedade na qual eles estão inseridos. Embora haja amparo legal com leis que assegurem a liberdade religiosa são verificadas discriminações contra os praticantes das religiões afrobrasileiras, tanto por praticantes de outras religiões como por pessoas que estão no entorno de algumas casas. Essa difícil aceitação e reconhecimento das religiões afrobrasileiras pela sociedade alcança o espaço escolar, a escola que deveria ser um espaço de diálogo de todas as culturas, as vezes não consegue quebrar as barreiras impostas pelo preconceito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As religiões afrobrasileiras ao longo da História do Brasil estiveram presentes em sua construção da identidade nacional, desde os primeiros registros dessas religiosidades com as práticas do Calundu, passando pela organização do Candomblé e da Umbanda. Na Paraíba as religiões afrobrasileiras de maior visibilidade são os Candomblés, a Umbanda e a Jurema. Na atualidade ainda, mesmo após a liberação dos cultos no estado, verificamos que estas são perseguidas, principalmente pelos neopentecostais. Todavia, apesar da resistência dessas vertentes religiosas observa-se que até as primeiras décadas do século XX não eram "aceitas" pela sociedade como religiões. Embora hoje, mesmo com o amparo legal, são verificadas discriminações contra os praticantes das religiões afrobrasileiras. Assim, podemos verificar como é difícil a aceitação e reconhecimento das religiões afrobrasileiras pela sociedade e por extensão nas escolas; que mesmo essas religiões fazendo parte da história brasileira encontram-se à margem da sociedade.



## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres**: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

BORGES, Mackely Ribeiro. **Umbanda e Candomblé**: Pontos de Contato em Salvador – BA. Brasília: ANPPOM, 2006.

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da umbanda. In: SILVA, Vagner Gonçalves. São Paulo: Selo Negro, 2002.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Eis que o caboclo veio à Terra “anunciar” a Umbanda**. In: História, imagem e narrativas No 4, ano 2, abril/2007 Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br> Acesso em: 20 de janeiro de 2010

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: Quem vencerá esta guerra? In: **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 10-36. Novembro de 1997. Disponível em: [www.seer.ufrgs.br](http://www.seer.ufrgs.br) Acesso em: 20 de abril de 2007.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. In: **Revista Scielo**. Estudos Avançados. Vol.18. n.º 52. São Paulo: setembro/dezembro, 2004. Disponível em : <http://www.scielo.br> Acesso em 20 de março de 2010.

ROHDE, Bruno Faria. UMBANDA, UMA RELIGIÃO QUE NÃO NASCEU: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. In: **V ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: [http://www4.pucsp.br/rever/rv1\\_2009/t\\_rohde.htm](http://www4.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.htm)

---

SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. A jurema sagrada da Paraíba. In: **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 7, n.1, ano 2008. ISSN 1677-4280

SANTOS, Nágila Oliveira dos. Do calundu colonial aos primeiros terreiros de candomblé no Brasil: de culto doméstico à organização político-social-religiosa.

Disponível em:

[http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Do\\_calundu\\_colonial\\_aos\\_primeiros\\_terreiros\\_de\\_candomble\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Do_calundu_colonial_aos_primeiros_terreiros_de_candomble_no_Brasil.pdf) Acesso em: 18 de janeiro de 2010.

SILVEIRA, Renato. Do Calundu ao Candomblé. In: **REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL**, 2005. Disponível em:

[www.revistadehistoria.com.br/v2/home/go=detalhe&id=846&pagina=3](http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/go=detalhe&id=846&pagina=3)

Acesso em: 22 de janeiro de 2010.